

Documentos

Quarenta anos de *Máira*: revisitações

Forty years of Máira: revisitations

HAYDÉE RIBEIRO COELHO

Em “Indianismo revisitado”, Walnice Nogueira Galvão situava *Máira*, publicado em 1976, na linha da tradição da literatura brasileira que tinha o índio como tema. Durante a leitura do texto da ensaísta, o que se verifica é que o romance do antropólogo inaugura um modo diferenciado de focalizar a questão indígena: “fragmentação do foco narrativo e multiplicação dos narradores, cada um com sua dicção própria (...); adiciona mitos indígenas, relatórios oficiais, documentos de governo, cartas das personagens envolvidas, e um enredo em tempo presente” (GALVÃO, 1981, p.183).

O romance mostra o índio sob o olhar de sua cultura; conjuga experiência antropológica e invenção/criação. Congrega, paradoxalmente, mito e História, em um texto que tem a memória como propulsora. Promove, ainda, o contraponto entre os modos de dizer dos índios e os dos ditos civilizados. Como “relojoeiro do tempo” (imagem retirada

de *O mulo*, outro romance do autor), Darcy Ribeiro, por meio de uma enunciação complexa, coloca o leitor diante de um teatro, cujas cenas reúnem temporalidades e espacialidades diversas pela utilização de planos narrativos justapostos.

O livro focaliza o retorno do protagonista que viaja de Roma para sua tribo de origem de onde foi arrancado na infância por religiosos cristãos que desejavam que ele se tornasse padre. No entanto, o que se vê nos capítulos iniciais é um personagem dividido, em conflito, trazendo um nome duplo Isaías/Avá, reflexo de uma identidade entre duas culturas. Como Avá, deveria assumir o tuxauato, ser o líder político de seu povo, uma vez que Anacã, o tuxaua dos mairuns (termo inventado pelo escritor para se referir à gente de Maíra), tinha morrido.

Nessa viagem de volta à aldeia, Isaías/Avá se encontra, em Brasília, com Alma, personagem feminina que, desejando se penitenciar, ia, a serviço do senhor, trabalhar na missão católica estabelecida próxima aos mairuns. Na travessia do rio Iparanã até à comunidade indígena, os dois personagens enfrentam enormes dificuldades que constituem, sob o ponto de vista antropológico, rituais de passagem. Entre os mairuns, Isaías não se torna Avá, tuxaua da tribo. Vive o conflito de ser dois, portanto, “ninguém”, sob o ponto de vista identitário, exposto no livro.

Alma se torna “mirixorã” (“mulheres que gostam muito de foder e que sabem tudo do amor”) e “Mosaingar”. Sendo engravidada entre os índios (questão que merece maior detalhamento), traz a possibilidade de manter a vida indígena. No entanto, é encontrada morta na beira do rio Iparanã “enquanto dava à luz um par de gêmeos do sexo masculino” (DARCY RIBEIRO, 1981, p.9). Este fato, narrado na abertura do livro, constitui um dos fios narrativos que faz aproximar o texto de Darcy Ribeiro de um romance policial, de cunho investigativo. Também é responsável por gerar no romance a perspectiva da História, religando-a a outras que ignoraram o outro. A morte de Alma e da futura geração metaforizam a morte dos indígenas no contexto do progresso, da modernização violenta dos anos 1970, praticada pelo poder político representado pelos militares no poder e pelos interesses econômicos. São poucas as referências cronológicas que aparecem no texto (26 de outubro de 1974 e 10 de janeiro de 1975), mas suficientes para situar o leitor do romance no momento em que foi escrito e projetar a recepção do texto para outros tempos de leitura.

Algumas partes do romance, referentes à estrutura de missa (“Antífona” e “Homília”, por exemplo) trazem a identidade cristã, branca e civilizada. Durante a leitura do romance, no entanto, esta nomeação, que coloca o leitor “civilizado” diante do que lhe

é familiar, é desestabilizada pela linguagem outra, a dos mitos e a dos ritos e, ainda, a das linguagens “entreveradas” dos brancos e dos indígenas. Por meio do texto literário, o leitor de *Maíra* vive uma experiência da divisão, do conflito identitário em uma sociedade que sempre quis apagar o diferente, nossa diferença, inscrita no processo civilizatório.

Por que o romance se intitula *Maíra*?

Maíra é um deus que pertence à mitologia indígena e à vida escriturária do antropólogo. Em *Uirá sai à procura de Deus*, cuja primeira edição data de 1974, Darcy Ribeiro explica que

Maíra é o herói civilizador dos povos Tupi, aquele a quem atribuem a criação do mundo, dos homens e dos bens da cultura. Seus feitos foram registrados por Thevet e outros cronistas entre os Tupinambá, e em nosso tempo, por Nimuendaju entre os Tembé” (DARCY RIBEIRO, 1976, p.20).

No texto antropológico de 1995 intitulado “*O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*”, o personagem Maíra do romance é revisitado. No capítulo “Enfrentamento dos mundos”, o escritor flagra o deus Maíra olhando para a praia de onde vêm os brancos:

Os índios perceberam a chegada do europeu como um acontecimento espantoso, só assimilável em sua visão mítica do mundo. Seriam gente de seu deus sol, o criador – Maíra – que vinha milagrosamente sobre as ondas do mar grosso. Não havia como interpretar seus desígnios, tanto podiam ser ferozes como pacíficos, espoliadores ou dadores. (DARCY RIBEIRO, 1995, p.42)

O leitor, ao acompanhar a presença do deus Maíra, que culmina com a narração dramática de sua própria morte (no romance) e com o resgate de sua perspectiva sobre os colonizadores em *O povo brasileiro*, percebe como, no trecho decalcado do texto de 1995, Darcy Ribeiro desloca a “cena inaugural”, realizando um corte radical em termos literários e antropológicos. Nessa direção, o mito, rememorado em seus escritos, constitui também um modo de manter viva sua interpretação descolonizadora. Nesse sentido, a dramatização da morte do deus Maíra pertence também à performance transgressora do escritor que, ao longo de sua vida, conjuga atuação cultural e práxis política.

A história do romance está associada também às diferentes edições, sendo que a última delas corresponde à 19ª. Em 1996, a editora Record republicou *Maíra* para a comemoração dos 20 anos do romance. O livro traz uma biografia, uma bibliografia básica e uma introdução, além de uma fortuna crítica que abarcava dez ensaios. Comparando as edições anteriores, verifica-se que, por exemplo, na edição de 1981, realizada pela

Civilização Brasileira, as gravuras de Poty, que “iluminam o texto”, reaparecem na edição comemorativa dos 20 anos de *Maíra*. Confrontando a publicação da Editora Record com a última edição do livro, verificam-se as seguintes mudanças: desaparecem “as gravuras de Poty”, a biografia do autor e a bibliografia básica. Da fortuna crítica sobre o livro, no que se refere à edição de 1996, realizada em vida do escritor, são mantidos apenas dois ensaios (de Antonio Candido e de Alfredo Bosi). Também aparece republicada a “Introdução” que o autor escreveu para os 20 anos de *Maíra*.

Na “Introdução”, Darcy Ribeiro situou a produção do seu texto, gestado no exílio, e projetou a leitura de *Maíra* para outras gerações, distantes no tempo e no espaço, mostrando que seu livro romanceava “a história verdadeira de Tiago Kegum Apoboreu, índio bororo que os salesianos quiseram ordenar” (DARCY RIBEIRO, 1996, p.21). *Maíra* continua vivo, como se pode comprovar pela leitura de artigos, dissertações e teses. O romance de Darcy Ribeiro marcou toda uma geração que se apropriou do nome do deus para nomear gente querida.

O verbo do antropólogo se fez carne e habitou entre nós. No princípio era a palavra cristã, civilizadora. Darcy Ribeiro trouxe o verbo indígena para habitar entre nós, reterritorializando-o nas páginas do romance. O deus *Maíra*, revisitado em *O povo brasileiro* (capítulo “Enfrentamento dos mundos”) e em *Diários Índios* (1996), se multiplicou. A voz do antropólogo, atravessada pelo olhar indígena, diante da iminente hecatombe, indaga: “Maíra, seu deus, estaria morto? Como explicar que seu povo sofresse tamanhas provações? Tão espantosas e terríveis eram elas, que para muitos índios melhor fora morrer do que viver” (DARCY RIBEIRO, 1995, p.43).

Se o destino trágico dos índios estava anunciado na citação mencionada, evidentemente as condições históricas hoje estão mudando, e os índios estão escrevendo suas próprias narrativas. *O mundo não existia*, publicado em 1980, com o prefácio de Berta Ribeiro e a assinatura de Umúsin Panlõn Kumu e Tolammãn Kenhíri, naquele momento já estava abrindo outra vertente tanto na Antropologia como na Literatura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DARCY RIBEIRO. (1976). *Uirá sai à procura de Deus: ensaios de Etnologia e Indigenismo*. 2ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra
- DARCY RIBEIRO. (1981). *Maíra*. 5ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira
- DARCY RIBEIRO. (1995). *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras

GALVÃO, Walnice Nogueira. (1981). Indianismo revisitado. In: *Gatos de outro saco*. São Paulo, p.171-185.

Haydée Ribeiro Coelho

Doutora em Teoria da Literatura e Literatura Comparada (USP), professora associada da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Realizou o pós-doutorado na *Universidad de La República* (Uruguai), onde desenvolveu pesquisa sobre o exílio de Darcy Ribeiro.